



## AS VALORAÇÕES REGIONALISTAS NA OBRA *CANCIONEIRO DO NORTE* DE RODRIGUES DE CARVALHO

Antonio Flávio Ferreira de Oliveira<sup>1</sup>  
Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento<sup>2</sup>  
Doracy Montenegro de Góis<sup>3</sup>

**Resumo:** Este estudo de origem qualitativa tem por finalidade analisar as valorações/axiologias existentes no livro *Cancioneiro do Norte* (1928), visando relacioná-las com a história da cultura folclórica paraibana, explorando as relações literárias de cunho regionalista e os ciclos modernizadores da historiografia na sociedade brasileira, e suas respectivas manifestações culturais que influenciaram na formação de uma identidade, que transita entre o nacional e o regional, e a noção de hibridação cultural que se estabelece na contemporaneidade, suprimindo assim a visão do exótico das manifestações que não possuíam um viés erudito e influenciado pelos europeus, e como tais manifestações se inserem em meio ao processo de formação da identidade da nação brasileira, perante as tradições folclóricas e regionalistas no cotidiano dos paraibanos.

**Palavras Chave:** Cultura Popular, Valorações/axiologias, História.

116

### THE REGIONAL VALUATIONS IN THE WORK *CANCIONEIRO DO NORTE* FROM RODRIGUES DE CARVALHO

**Abstract:** This study aims to analyze the valuations/axiologies in the work *Cancioneiro do Norte* (1928). It views to relate them with the Paraíba cultural and folkloric history, exploring the regionalist literary relations and the historiography modernizer cycles in the Brazilian society. Their cultural manifestation perspectives that influenced in the identity formation transit between the national and regional and the notion of cultural hybridism that establishes contemporaneously suppressing the exotic vision of the manifestations that do not own an erudite viable influenced by Europeans. These manifestations are in the formation process of the Brazilian nation identity, principally in regionalist folkloric quotidian tradition of *Paraíba's* people.

**Keywords:** Popular culture, Valuations/Axiologies, History.

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba. Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba.

<sup>2</sup> Professor do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba.

<sup>3</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba.



## Considerações iniciais

A História é feita pelos sujeitos sociais situados em tempo e espaço determinados. Ela é passível de revisitações, de novas leituras, de novos significados. Assim, a partir da Escola dos *Annales*, que surgiu no contexto francês, cada vez mais a história pôde ser entendida como em construção (des)contínua, pois seus sentidos são produzidos por sujeitos que sofrem a influência das intenções, interesses e valorações da coletividade na qual está inserido.

Outro aspecto importante é que a História é construída a partir de fontes, sejam elas escritas ou não. De maneira geral, as fontes são tudo aquilo que indica a presença e a ação do ser humano em decorrência do tempo e espaço. Desse modo, fica evidente a interrelação entre História, cultura, folclore e outras valorações, pois tais fenômenos apontam para o ser humano agindo em instâncias espaço-temporais para construir, flexivelmente, acontecimentos que representam o sua imagem-ser-agir.

Encontramos a história humana nas narrativas atuais, sejam singulares ou plurais, religiosas ou políticas, culturais ou sociais, econômicas ou históricas. Assim, também flagramos um certo modo de relembramos de acontecimentos passados, estabelecendo uma conexão entre a noção de história e tempo. Cabe dizer que esse, o tempo, também é uma construção social, uma vez que integra ações humanas no dissipar de momentos e lugares diferentes.

Nesse sentido, entendemos que a história é narrada de forma axiologicamente marcada, ou seja, está sinalizada por um modo de olhar, de perceber, de compreender e de construir realidades socioculturais. Assim, porque são indicadas axiologicamente, as fontes são memórias, crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores. Como fonte de pesquisa, na manifestação cultural de um povo, encontrou a construção de identidades ou exclusões, hierarquias, divisão, apontando diferenças e semelhanças no social.

Marc Bloc, cofundador, em 1929, da revista *Annales*, no texto *Apologia da história ou O ofício de historiador*, argumenta que a História tem por objeto “os



homens no tempo”. Ele destaca o uso do substantivo no plural *homens*, pois o singular, *homem*, é favorável à abstração, enquanto o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Segundo Bloc (2002, p. 54), por trás dos vestígios sensíveis da paisagem, dos artefatos, dos escritos, “são os homens que a história quer capturar”. Em sintonia com Bloc (2002), Lucien Febvre, outro cofundador da revista *Annales*, no texto *Combates pela História*, postula que a história é social. Ele considera a história “o estudo, cientificamente conduzido, das diversas atividades e das diversas criações dos homens” (FEBVRE, 1989, p. 30).

A História estuda os homens, únicos objetos da história, mas os homens sempre tomados no quadro das sociedades de que são membros, os homens membros dessas sociedades numa época bem determinada do seu desenvolvimento, “os homens dotados de funções múltiplas, de atividades diversas, de preocupações e de aptidões variadas, que se mesclam todas, se chocam, se contrariam, e acabam por concluir entre si uma paz de compromisso, um *modus vivendi* que se chama a Vida” (FEBVRE, 1989, p. 30).

Em se tratando do objeto de estudo da pesquisa, ao analisamos as valorações regionalistas na obra *Cancioneiro do Norte*, de Rodrigues de Carvalho, detectamos traços marcantes a respeito da cultura, da religião, das histórias e do folclore da Paraíba, e isso nos fez olhar para essa criação intelectual como uma fonte histórica, sendo possível compreendê-la enquanto lugar de produção da História, de memórias, de identidades etc.

Cabe, ainda, esclarecer o que entendemos por *valoração* neste trabalho. O termo é empregado a partir dos estudos de Bakhtin (2011). Segundo esse autor, valoração pode ser “tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, [que] chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional” (BAKHTIN, 2011, p. 373, grifo nosso). Nesse sentido, a valoração é construída socialmente e tudo o que chega aos sujeitos está perpassado por valores sociais.

Segundo o mesmo autor, tomamos consciência de nós mesmos através dos outros, pois, deles, o sujeito recebe as palavras, as formas e a tonalidade



para a formação da primeira noção de si mesmo. Para isso, a palavra exerce papel fundamental, tendo em vista que é ela quem “atua como expressão de certa posição valorativa do homem individual (de alguém dotado de autoridade, do escritor, cientista, pai, mãe, amigo, mestre, etc.) como abreviatura do enunciado” (BAKHTIN, 2011, 294).

No presente estudo, analisamos uma manifestação literária paraibana, a saber, o livro *Cancioneiro do Norte*, do autor José Rodrigues de Carvalho, mais precisamente, analisamos a primeira parte do livro, intitulada com os tópicos *Antes do prefácio* e as *Poesias de diversas origens*. Nesses tópicos, encontramos diferentes manifestações populares do Brasil, impulsionando o folclore como patrimônio artístico brasileiro e fortalecedor das tradições nordestinas.

Assim, destacamos a dimensão cultural da narrativa literária, corroborando o processo histórico e a diversidade cultural, conforme encontramos em Zechlinski (2004), Braudel (1976), Levi (1992) e Bakhtin (2011). Este último autor postula que “os estudos literários devem estabelecer o vínculo mais estreito com a história da cultura. A literatura é parte inseparável da cultura, [que] não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda acultura de uma época” (BAKHTIN, 2011, p. 360, grifo nosso). Ademais, Bakhtin (2011) escreve que o processo literário de uma época, estudado isoladamente de uma análise profunda da cultura, reduz-se a uma luta superficial entre as correntes literárias.

Assim, tomamos o livro o *Cancioneiro do Norte* como uma junção de fontes históricas relacionadas com a sociedade da época e com os seus acontecimentos, que eram voltados para a situação da sobrevivência no Nordeste brasileiro, uma vez que encontramos o registro de acontecimentos de uma época por meio de seus versos, poemas e músicas, ou seja, aspectos da vida dos nordestinos.

Procuramos, assim, responder às seguintes questões: (i) quais valores/axiologias regionalistas são encontrados em Carvalho?; (ii) quais os efeitos destes valores/axiologias na construção identitária paraibana?; e (iii) como se estabelece a relação entre História, folclore e valorações/axiologias na



obra de Carvalho? Para tanto, o objetivo deste estudo é compreender as valorações acerca de tradições e valores nordestinos na obra escolhida para a análise.

Metodologicamente, este trabalho se apresenta como uma pesquisa qualitativa, que tem por finalidade destacar as manifestações folclóricas presentes no livro o *Cancioneiro do Norte*, do escritor José Rodrigues de Carvalho. Além disso, buscamos compreender as valorações na produção discursiva do autor.

Para isso, o embasamento teórico que sustenta este estudo está ancorado na noção de valoração presente nos escritos de Bakhtin (2011). Buscamos, ainda, fazer referência ao vínculo entre história, folclore cultura e valorações/axiologias no *Cancioneiro do Norte* (1928), a partir dos estudos de Canclini (2013) e Peter Burke (1937) e outros. Ademais, foi uma escolha metodológica não elaborar seções de discussão teórica, mas mobilizá-las conforme o desenvolvimento das análises. Assim, feito essa introdução, partiremos, na seção seguinte, para a análise da fonte em questão.

120

### **As valorações regionalistas na obra *Cancioneiro do Norte* de Rodrigues de Carvalho**

Na análise do livro *Cancioneiro do Norte*, estabelecemos a construção de três quadros, nos quais apresentamos elementos referentes às *valorações religiosas, culturais e históricas*, que nos levam ao entendimento e ao aprimoramento do conceito de valoração. Ou seja, evidenciamos as valorações religiosas, culturais e históricas, presentes no tópico *Antes do prefácio e poesias de diversas origens*, da Segunda edição do *Cancioneiro do Norte*, do escritor José Rodrigues de Carvalho.

#### *Valorações religiosas*

Considerando o conceito de valoração apresentado por Bakhtin (2011), no qual, estas estão relacionadas com tudo o que concerne ao sujeito, ao mundo exterior, à construção da consciência de si pelas dos outros, às vozes dos outros



na entonação valorativo-emocional de um sujeito, acreditamos que as valorações religiosas compreendem um conjunto de axiologias, caracterizado pelos diversos modos de apreensão das divindades pelo sujeito. Isso tem a ver com a maneira particular como cada sujeito constrói a imagem da divindade a partir de vozes religiosas advindas de coletividades religiosas africana, europeia e indígena. Assim, pensar a valoração religiosa, na obra de Carvalho, significa atentar para refrações do conjunto de consciências axiológicas dos quais se irrompem a identidade religiosa do sujeito brasileiro-nordestino-paraibano. Vejamos a composição do Quadro 1:

#### **Quadro 1: Hibridismo valorativo**

- |  |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"><li><b>I. A influência religiosa africana</b></li><li><b>II. A influência religiosa europeia</b></li><li><b>III. A influência religiosa indígena</b></li></ul> |
|--|

121

No Quadro 1, apresentamos as influências religiosas como um suporte para o entendimento do hibridismo cultural, do qual emanam religiões como a Jurema, a Umbanda, bem como o fortalecimento do Candomblé e o catolicismo, que hoje nos veste de costumes que, como entendeu Canclini (1990), está presente no cotidiano do mundo moderno. Nesse sentido, o que se evidencia, na tessitura da valorações do Quadro 1, é a diversificação dos costumes religiosos que se deu através do contato com outros povos, como entre os africanos, indígenas e europeus, surgindo, assim, uma cultura diversificada. O fragmento 1, a seguir, ilustra o hibridismo religioso na obra em análise.

#### **Fragmento 1: A influência do hibridismo religioso**



A verdade é esta: a religião dos Portuguezes a católica, instaurada no Brazil, aparece cercada de expressões indigenas e africanas. É hibrida religiosa. CARVALHO (1928, p. 07)

Neste trecho da obra, apresentado no Fragmento 1, constatamos uma marca daquilo que poderíamos chamar de miscigenadas afro-católicas e indígenas encontradas no *Cancioneiro do Norte*. Essa miscigenação aparece exaltada nas manifestações religiosas híbridas como traços culturais marcantes em nossa sociedade. As identificações sincréticas interligam a mistura de crenças. Assim, existe um hibridismo que, como considera Canclini (1990), foi absorvido pela cultura de nosso país, por uma pluralidade nas manifestações culturais.

#### *Valorações culturais*

Veja o Quadro 2:

122

#### **Quadro 2: Valorações culturais**

- I. Os cantos e os contos, o encontro das três raças: a africana, a europeia e a indígena.**
- II. As crendices na arte de curar.**
- III. O empírico fitichista.**
- IV. O misticismo egypcio.**
- V. Folgares tradicionais populares.**

Através das informações do Quadro 2, percebemos os fenômenos valorativos pela ótica da pluralidade cultural, e não pela ótica centralizadora do europeu. Com isso, buscamos, nesse quadro, sintetizar as valorações culturais na produção discursiva do autor e poder reunir elementos e suas contribuições na formação da identidade brasileira e nas produções das manifestações folclóricas paraibanas, baseadas em posições culturais, existentes no *Cancioneiro do Norte*.



A composição do Quadro 2 vem a ser estabelecida por cinco tópicos que classificam as valorações culturais existentes no *Antes do prefácio e poesias de diversas origens* da segunda edição do *Cancioneiro do Norte*. Os fragmentos decorridos ao longo desta análise têm por finalidade mostrar as valorações culturais mencionadas. Assim, no fragmento 2, a seguir, constatamos referências aos *cantos e contos populares e o encontro das três raças: a africana, a europeia e a indígena*.

### **Fragmento 2: O entrecruzamento cultural das três raças**

Os cantos e os contos de origem popular, revelando a fonte inspiradora das três racas em cruzamento, não so faliem ao coracao pela reminiscencia de lendas e tradições que se extinguem, como sao um attestado vivo da forza intellectiva de cada uma daquellas racas, a fundirse no mestico diante dessa natureza esplendidamente victoriosa. CARVALHO (1928, p. 15)

123

Percebemos, no Fragmento 2, que Carvalho evidencia a ligação entre o branco estrangeiro, o negro africano e o nativo das terras brasileiras, que, em nossa historicidade, enraizaram costumes na participação da diversidade cultural. Estamos diante, portanto, de aspectos da formação da sociedade brasileira. Desse modo, no embate contra a cultura dominante, surge o hibridismo cultural como um mecanismo de resistência contra as tentativas das generalizações etnocêntricas dos colonizadores, em descaracterizar as tradições na junção dos embriões da cultura erudita, a cultura popular e a cultura de massas. Assim, no mesmo fragmento em análise, podemos observar o entrecruzamento cultural das três raças: a negra, branca e a indígena.

No próximo fragmento, ressalta-se a influência dessas raças nos costumes brasileiros. Vejamos:

### **Fragmento 3: A influência das três raças nos costumes brasileiros**



Das três raças ha apenas a reminiscência, estampada no typo, nas ações, nos costumes do brasileiro actual. Assim, encontramos a cada passo no conto de origem européia. Segundo Sylvio, reis, fadas, gibóias, caboquinhos e encantamentos, o que desvirtua o característico exclusivo que se lhe empresta. A verdade e esta: os cantos portuguezes correm entremeiados de expressões indígenas e de onomatopeas africanas. CARVALHO (1928, p. 57).

Notamos, no Fragmento 3, o encontro dos três grandes alicerces das tradições culturais brasileiras, que se fazem presentes no *O Cancioneiro do Norte*, com “as almas de três raças predispostas à contemplação da arte” (CARVALHO, 1928, p.33). Esses são importantes elementos na constituição da identidade e da cultura do povo brasileiro, descentralizando a Europa de única influenciadora direta.

Nesse caso, as valorações culturais se estabelecem na harmonia dos traços da musicalidade, das danças, festejos, poesias, contos, genuinamente populares, introduzidos no Brasil pelos navegantes portugueses que traziam seus fabulas de alto mar, misturando-se às lendas indígenas e aos contos africanos, acarretando a fusão nas tradições da cultura brasileira. Ainda no que diz respeito ao aspecto religioso, podemos constatar *as crendices na arte de curar*. No Fragmento 4, abaixo, estão dispostas as crenças para a cura do mau-olhado.

#### **Fragmento 4: Crendice ara a cura do mau-olhado**



Benzer o olhar as enuncia, todos conhecemos: uma bruxa qualquer toma o doentinho. Suspende-o pelos pés até a altura da nuca, isto no meio da porta que conduz para o copiar. Em seguida gotteja um pouco de azeite de oliveira dentro de uma bacia com água, benzendo-o com um raminho verde de vassourinha; se a criança tem o olhar, a folha murchará; e os enuncia do azeite sobre a água enunciarão se foi um homem ou uma mulher que botou o quebranto. CARVALHO (1928, p. 55).

O Fragmento 4 aponta para a figura das benzedadeiras e para transmissão de seus conhecimentos na arte de curar, mantendo viva uma memória coletiva de suas tradições como um mecanismo de resistência contra as tentativas das generalizações etnocêntricas dos colonizadores em descaracterizar as tradições de matrizes religiosas que não viessem a ser a europeia. Já o Fragmento 5, a seguir, apresenta a oração para a cura da bicheira no sertão. Vejamos:

125

#### **Fragmento 5: Crendice para a cura da bicheira no Sertão**

“Maos que comeis, a Deus não louvaes e nesta bicheira não has de comer mais. Has de ir cahindo de dez em dez, de nove em nove, de oito em oito, de sete em sete, de seis em seis, de cinco em cinco, de quatro em quatro, de tres em tres, de dois em dois, de um em um, e esta bicheira ha de ficar limpa, salva e sã, assim como ficaram limpas, salvas e sas as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. CARVALHO (1928, p. 56)

O Fragmento 5 é marcado pela figura do vaqueiro nordestino com seu gibão de couro e rosário no pescoço, sinônimos de valentia perante a seca que castigava, revelando seus sentimentos, atitudes, crenças, gostos e escolhas na arte da cura dos males, uma delas sendo a cura da bicheira, através da comunicação com o sobrenatural, pela oração que mostra o fragmento.

*O empírico fetichista*



Constatamos, também, dentro do aspecto religioso, o fetichismo na cura das enfermidades. O fragmento 6 revela algo a respeito do tratamento dos dentes.

**Fragmento 6: O fetichismo na cura de enfermidades**

A credence popular sobre a arte de curar  
Relembra ainda costumes do estado fetichista, da  
Astrolatria principalmente. Assim e que a mãe de  
familia roceira mostra o recém-nascido a lua  
novaporque, se o nao fizer, o bello astro da  
noite pode levar o filhinho, ou concorrer para  
que ele sofra de dor e outra enfermidades.  
CARVALHO (1928, p. 57)

As credences são descritas, No Fragmento 6, por histórias que se baseiam em lendas, mitos, tradições, definindo a criação do universo e de seus elementos com a natureza, envolvendo a simbologia do sobrenatural “divino” assim como a adoração de Holda a lua, transmitindo o conhecimento e explicando os fatos que a ciência ainda não havia explicado, perante o misticismo e seus elementos cultuados por entre a história da humanidade e seus finos fios da etnologia e suas ligações com o ocultismo.

Veja o Fragmento 7 que apresenta o curandeiro que carregava cobras.

**Fragmento 7: O folclore dos dentes.**

“Mourão, Mourão,  
Toma este teu dente podre,  
E manda meu dente são”.  
CARVALHO (1928, p. 20)

Na sequência desse texto, visto no Fragmento 7, nos é dito que o dente é lançado para cima do telhado, sem olhar o lugar ao qual foi remessado, simbolizando, assim, um bom presságio. Cascudo (1898) diz que esta “tradição



nos veio de Portugal, onde existe, com muitas variantes na fórmula, *inclusive em vários lugares do Brasil, principalmente no interior do nordeste*, mas imutável no sentido." Notamos que as superstições se perpetuam pelas palavras faladas, uma vez que os mais velhos usavam a oralidade como propagação para as suas crenças, disseminando o conhecimento por meio das narrativas orais.

Atente para o Fragmento 8:

#### **Fragmento 8: O curandeiro que carregava cobras**

Ao braco, e elle, levando-o a boca para beija-lo, nao se importava com a dentada que o peçonhento animal lhe ferrava nos labios. O sangue escorria, e o nosso heroe, escandalizando os circunstantes, prendia com os seus proprios dentes uma das mandibulas da cobra, e com a mao segurava bem a outra, rasgando o repellente amphibio de meio a meio. Outras vezes matava-o, e dividia-o empostas levando ao fogo sobre o moquém, saboreava o exquesito prato, achando, segundo gabava-se, a carne semelhante a da trahira CARVALHO (1928, p. 60).

127

As valorações do Fragmento 8, de acordo com Carvalho, destacam a figura do curandeiro de mordeduras de cobras, que era bem característica nos brejos da Parahyba, pelas bandas do Engenho Ribeiro-Novo, no distrito na época pertencente à Guarabira-PB e, hoje, cidade de Alagoinha-PB, onde existiu um homem que não sofria nenhum mal com veneno de cobras. Nesse fragmento, há vestígios da tradição dos encantadores indianos os quais influenciou em nossos costumes. O empirismo do curandeiro faz parte dos folgares ligados à diversidade religiosa brasileira.

#### *A mitologia egípcia*

O Fragmento 9, abaixo, relata os traços da mitologia egípcia nos costumes brasileiros.

#### **Fragmento 9: Traços da mitologia Egípcia nos costumes brasileiros**



Uma reminiscência da *mythologia egypcia* vaga ainda em nossos costumes: a figa no bracinho da criança para preservar-la do *mau olhado*. No aceiro de qualquer roçado enfia o matuto uma caveira de boi, com a convicção sincera de que ella concorre para o Vico da lavoura; essa *mythologica* e tradição existem também nas cidades, as mais adiantadas, aonde o bodegueiro, cioso de cobres e bons negócios, coloca um chifre bovino no alto da balança. Quem não vê em semelhante pratica um resto daquela confiança sobrenatural com que o egypcio adorava o Boi Apis, maravilhoso e fecundo! CARVALHO (1928, p 58)

Os egípcios eram politeístas antropomórficos, ou seja, atribuíam características ou aspectos humanos a deuses, elementos da natureza e animais. Seus cultos religiosos elevavam o poder dos deuses que os concebiam melhorias na sua vida na terra. Eram invocados por meio de rituais, assim como a cabeça do boi nos roçados, agradecendo as bençãos que haviam recebido e pediam favores futuros.

Ao analisar o Fragmento 9, podemos observar mais uma influência cultural absorvida pela brasileira. Esse aspecto remonta ao que Bakhtin (2011, p. 362) constata ao dizer que “uma obra remonta com suas raízes a um passado distante. As grandes obras da literatura são preparadas por séculos; na época de sua criação colhem-se apenas os frutos maduros do longo e complexo processo de amadurecimento”. Ele continua: “as obras dissolvem as fronteiras da sua época, vivem nos séculos, isto é, no *grande tempo*, e além disso levam frequentemente (as grandes obras, sempre) uma vida mais intensiva e plena que em sua atualidade” (BAKHTIN, 2011, p. 362). Além disso, a figura da cabeça do boi presa nas árvores é comum nas fazendas do interior paraibano, como uma antiga tradição de proteção, para proteger a lavoura do mal olhado, das pragas, mantendo-se viçosa.

### *Os folgares tradicionais populares*

Os folgares tradicionais populares podem ser percebidos nos folgares populares, na manifestação folclórica do bumba meu-boi, e nas manifestações folclóricas. Consideremos o Fragmento 10:

**Fragmento 10: Folgares populares****Côcos da praia do poço**

( Parahyba)

Engenho novo!

Engenho novo!

Engenho novo, bota a roda p'ra rodar,..

Roda o pai

Roda a mai

Roda fia

Eu também sou da famia

Também quero embolar.

CARVALHO (1928, p. 331).

Impulsionando o folclore como patrimônio artístico da nação, por meio da espontaneidade poética dos emboladores de coco da praia do poço (Parahyba), com suas violas que davam vida a seus relatos, e que representam anedotas ou estórias passadas de geração em geração, “formando uma grande roda, saindo cada figura de uma vez, a dançar na roda, cantando, batendo palma, em rojão binário, ao toque de tambores e ganzás” (CARVALHO, 1995, p. 291).

No âmbito de delinear *O Cancioneiro do Norte*, por meio do Fragmento 10, marca-se a presença de uma intelectualidade tida por anônima e oral dos artistas paraibanos. Nela, incluem os mitos, cantos, poesias e manifestações folclóricas, coletados por uma diversidade cultural e pioneira ao implementar que o “intellectual do momento nos leva para um terreno extravagantemente regionalista, em matéria litteraria” presentes no *Cancioneiro do Norte*. (CARVALHO, 1928, p. 12)

Ponderemos o Fragmento 11:



### **Fragmento 11: A manifestação folclórica do bumba meu-boi**

Entre os folgares mais comum e mais arraigado na tradição popular figura o bumba meu-boi, que supomos, de origem paga, vindo do Boi Apisegypcio, atravessando centenas de civilizações, adaptando-se a diferentes costumes, tomou no norte do Brasil uma feição particularíssima CARVALHO (1928, p. 40)

Observamos, no Fragmento 11, que a figura do bumba-meu-boi é bastante festejada durante a primeira quinzena do mês de janeiro durante os festejos da Festa de Reis. Essa cultura varia de estado para estado, onde os coloridos nas roupas ganham feição nos personagens das Damas e seus galantes, o tio Matheus, o Gregório, a vaqueiro, etc. O boi sendo a atração principal, feito todo em tiras e colcha de chita e guisá no cifre, trazendo alegria ao povo que nas ruas festejam com suas violas.

A lenda do bumba-meu-boi traz consigo a arte da cura por meio do milagre do catolicismo, que, com o passar do tempo, transformou-se em uma encenação lúdica, uma sátira do drama, humor, tragédia e hoje mistura suas cores e ritmos ao folclore brasileiro, e se faz presente no *Cancioneiro do Norte*. Avaliemos o Fragmento 12:

### **Fragmento 12: A propagação folclórica**

O folk-lore vem através das idades revelando  
As condições emocionais de cada raça, de cada  
povo, de cada civilização; e do mesmo modo que  
o amalgama ethnologico vai transformando a humanidade,  
a tradição se transfunde.  
CARVALHO (1928, p. 21)

A heterogeneidade cultural presente no *Cancioneiro do Norte* nos possibilita fazer reflexões acerca do folclore e regionalismo na Paraíba do Norte, sendo abordadas concepções históricas relativas às ideias de nação, hibridismo, raça e cultura. No fragmento 12, Carvalho busca dar alicerce ao



folclore, para que ganhasse significado, como entendeu Hall (2001), fundamental para a construção das identidades nacionais.

Carvalho assevera que o primeiro reflexo obtido do contato popular com o termo folclore era motivo de chufa/zombaria perante a ideologia dos dominadores que estabeleciam uma influência europeia e modernizadora. Entretanto, com o passar do tempo, esses trabalhos tornaram visível o gosto popular; deram a noção e a importância histórica que se faziam presentes enfatizando o regionalismo, e a defesa do patrimônio artístico por meio da resistência das manifestações culturais autênticas.

*Valorações histórica*

### **Quadro 3: Valorações históricas**

- |  |
|--|
| <p><b><i>I. A revolta dos Quebra-Kilos da Parahyba.</i></b></p> <p><b><i>II. O movimento do cangaço na Parahyba.</i></b></p> |
|--|

131

Na construção do quadro 3, apresentamos as valorações históricas presentes no *Antes do prefácio e poesias de diversas origens*, da segunda edição do *Cancioneiro do Norte*, classificando as manifestações históricas em dois tópicos. O primeiro: *A revolta dos Quebra-Kilos da Parahyba*, representada no fragmento 13. E o segundo tópico: *O movimento do cangaço na Parahyba*, representado nos fragmentos 15 e 16. Vejamos cada um deles a seguir.

A revolta dos Quebra-Kilos da Parahyba

<b>Fragmento 13: A revolta de Quebra-Kilos</b>
<p>Sou quebra-kilos encolletado em couro  Por vil desdouro, se me trouxe aqui:  A bofetada minha face mancha,  A corda, a prancha se me affligir senti.  Nas caes modestas, a tesoirá cega!</p>



Da minha enxerga so me resta o po:  
Esposa e filhas violentam rudes,  
As sans virtudes seu thesouro so.  
Nao ha direitos: isencoes fugiram

Nas leis cuspiram dele aes viloes;  
Oreancas, velhos? aleijados, aguardam  
A triste farda de crueis baldoes.  
Em vao, descalcos, minha esposa e filhos

Do sol aos brilhos, prateando vem:  
Socorro imploram: piedade a tantos...  
Mas de seus prantos se receia alguém!  
E ao quebra kilo, deshonorado e louco,

E' tudo pouco, quanto ainfamia faz:  
Si alli contempla da familia o roubo,  
Aqui no dobro, se o flagella mais.  
Ve sua esposa, da desgraca ao cimo,

For seu arrimo, tudo expol-a em vao:  
Recorda as filhas, que sem mae ficaram.  
E lhe as roubaram...que perdidas sao.  
Tyrannos, vede que miseias tantas!...

Nem a quebranta nem pungir nem ais:  
Martyrio, ultrages de negror, fazei-me;  
Porem dizeti-me, se também sois pais!  
A bofetada minha face mancha;

A corda, a prancha me doer senti;  
A vil deshonra da familia querida  
Tirar-me a vida... de pudor morri.

Carvalho (1928, p. 70)

No fragmento 13, observamos as valorações históricas presentes no poema. A insatisfação popular ganhava as ruas da Paraíba e dos estados adjacentes. Os versos revelam a desonra do povo, a tristeza, miséria que lhe custavam a vida. O martírio se perpetuava apenas para a classe popular, ao qual “a bofetada na face mancha”, enquanto os que permaneciam no poder, assim como descreve o poema acima, cuspiam nas leis, deixando o povo à mercê do descaso.

Nesse sentido, destacamos, neste fragmento, as questões culturais, os hábitos e costumes da população que sofreu a repentina interferência do



governo, sem que houvesse uma preparação para isso, assim como narra o poeta em sua valentia, ao descrever o cenário da revolta dos quebra-kilos, marcado pela insatisfação popular.

#### *O movimento do cangaço na Parahyba*

O Cangaço foi um fenômeno de banditismo social, termo que começou a ganhar força no final do século XIX e se faz presente nas análises historiográficas de Carvalho, como um elemento da propagação da diversidade cultural nordestina. Avaliemos o Fragmento 14:

#### **Fragmento 14- O movimento do cangaço**

A prisão de Antônio Silvino, as façanhas de Lampião, a vida nômade dos bandidos, enriquecem página desta edição. Isso significa o nosso estágio de civilização em pleno século XX.”. (CARVALHO, 1928, p.27).

133

Na segunda edição do *Cancioneiro*, por meados de 1928, Carvalho vinha a ser auxiliar no Governo do então Governador da Paraíba, Castro Pinto, estabelecendo entre os quatro estados vizinhos um acordo para banir o banditismo do cangaço e junto com ele Antônio Silvino. Sentindo-se intimidado, Silvino ataca o Povoado de Cachoeira de Guarabira, remetendo a Castro Pinto o telegrama reproduzido no Fragmento 15.

#### **Fragmento 15: O cangaço de Antônio Silvino**



Doutor Castro Pinto.  
Presidente Parahyba  
Nao tenho medo quatro Estados.  
Doutor Jose Rodrigues de Carvalho pise o milho,  
faca a *massa*, e de a esse pinto para comer,  
que o mal delle e fome.  
Antonio Silvino de Moraes. (CARVALHO, 1928, p. 9).

O Fragmento 15 tem o intuito de repassar os vários pontos de vista caracterizados pela figura dos cangaceiros, relacionando-os com a realidade de uma época em que o povo nordestino enfrentava o sofrimento de uma vida árdua e característica das mais vastas necessidades que as pessoas sofriam. E, em contramão, se encontrava o Coronelismo, que desfrutava dos seus privilégios e poderes, enquanto a maioria da população vivia a mercê de uma vida de pobreza, ocasionados, principalmente, pela seca e pela miséria das populações mais carentes, ganhando contraste com a vida dos coronéis, que esbanjavam prestígios e luxo.

134

## Conclusão

Esta pesquisa objetivou analisar as manifestações religiosas, folclóricas e históricas presentes na segunda edição do o *Cancioneiro do Norte* (1928). Pelos discursos realizados no cancionero, Carvalho estruturou uma literatura autenticamente nacional em contraposição à cultura marcadamente eurocêntrica, desmitificando as linguagens populares que até então eram mantidas na ignorância, no esquecimento, vindo, por meio do cancionero, a trazer o folclore como uma importante ferramenta para a formação da história da literatura popular.

Diante do exposto nas análises, fizemos alguns apontamentos. O primeiro apontamento estabeleceu o levantamento da seguinte questão: que valorações são encontradas em Carvalho? No decorrer deste estudo, encontramos as seguintes categorias de valorações: culturais, religiosas e históricas. Essas três categorias foram expostas e organizadas por meio de três quadros, na busca de



dar sentido ao resgate de elementos antigos nos reflexos da contemporaneidade perante as manifestações folclóricas, mostrando ao mundo a pluralidade presente no cenário brasileiro e as heranças que várias raças amalgamaram em nossos costumes.

Ademais, fizemos um levantamento das valorações culturais que constam na análise dos fragmentados. Na construção do quadro 3, por exemplo, apresentamos as valorações históricas, expostas por meio da *revolta dos Quebra-Kilos da Parahyba* e do *movimento do cangaço na Parahyba*.

Outro apontamento importante pode ser pensado a partir do questionamento: quais os efeitos destes valores na conscientização da construção de uma identidade paraibana na obra do autor? Em resposta, pudemos perceber que Carvalho evidenciou as diferentes manifestações folclóricas regionais como sendo âncora na construção da identidade paraibana, registrando festas comemorativas como o bumba-meu-boi, folgares populares, que expõe a figura dos cantadores-de-coco, repentistas etc.

Tais fenômenos culturais são transmitidos por meio da oralidade dos artistas paraibanos, mais precisamente, num regionalismo rico que se estabelece na harmonia dos traços por meio da musicalidade, das danças, festejos, poesias, contos, genuinamente populares.

Além disso, constatamos, na obra analisada, o entrecruzamento das valorações religiosas, históricas e culturais, regional e local, tornando-se um mecanismo formativo e fortalecedor da identidade paraibana.

O terceiro e último apontamento constitui a seguinte questão: qual a influência das axiologias na obra o *Cancioneiro do Norte*, do autor José Rodrigues de Carvalho, em relação aos dias atuais? Concluímos que as manifestações valorativas folclóricas presentes na obra propagaram as manifestações folclóricas pelo mundo, estabelecendo, nos dias atuais, datas comemorativas em nosso calendário nacional, por exemplo, o dia do índio, da consciência negra, tornando as cidades do interior paraibano um reflexo deste hibridismo cultural, estabelecido também perante as festas de São João, cercados pelas quadrilhas, forró, balões, fogueira, comidas de milhos.



As comemorações a São Pedro, Santo Antônio, Nossa Senhora Conceição, são marcadas por elementos festivos, como pular as sete ondas na virada do ano, pular a fogueira como sinal de bom presságio etc., ou seja, também apontam para marcas dos costumes e tradições nacionais.

Portanto, diante do aspecto folclorista presente na obra de Rodrigues de Carvalho, buscamos abordar as manifestações populares, sendo cercados de contribuições de outras culturas, surgindo às apropriações das manifestações culturais transformadas em símbolos nacionais e que tentam resistir à influência da globalização, que vem modificando esses costumes com o passar do tempo, pois ganham características atuais.

O *Cancioneiro do Norte* é uma rica fonte para o estudo da memória cultural do povo brasileiro perante os costumes, manias, tradições e crenças. Ele funciona discursivamente como um transmissor da influência folclórica na construção de uma identidade nacional diversificada, que hoje nos veste de costumes cercados de expressões híbridas, herdadas das fusões de várias culturas e que na atualidade geram uma peculiaridade originalmente brasileira.

136

## Referências

- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Presença, 1976.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. Edição 4. São Paulo: Brasil. Editora EDUSP, 2013.
- CARVALHO, José Rodrigues. **Cancioneiro do Norte**. 2. Ed. Parahyba do Norte, 1928
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Martins, 1971.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial presença, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 06.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas** São Paulo: UNESP, 1992, p.135.



[ZECHLINSKI, Beatriz Polidori](#). História e Literatura: uma proposta interdisciplinar de ensino. In: **IX Encontro Regional de História: Identidades e Representações** (Anpuh-PR), 2004, Ponta Grossa - PR. Caderno de Resumos do IX Encontro Regional de História: Identidades e Representações, 2004. p. 22.